

***La ciudad* do poeta salvadorenho Jorge Galán**

Karina Alexandra Escobar Aquino
(Mestrado em Teoria Literária/UFU)
karinaea684@gmail.com

Resumo

Este artigo apresenta as imagens poéticas sobre o espaço urbano contidas no poema *La ciudad*, do escritor centro-americano Jorge Galán (El Salvador, 1973). Algumas das propostas dos autores Mircea Eliade e Gaston Bachelard ganham primazia para mostrar como a cidade é apresentada como um ente vivo, principalmente através do uso da grande metáfora de mulher e de mãe. A análise serve para revelar que na poesia contemporânea predomina uma visão negativa sobre as metrópoles, quer dizer, as cidades pós-modernas são apresentadas como espaços profanos e até desumanizados.

Palavras-chave: Eliade, Bachelard, símbolo, imagem, poesia contemporânea centro-americana.

A personificação da cidade

A literatura é uma das manifestações artísticas mais importantes da humanidade. Sabe-se que os textos literários, como objetos de estudo, revelam-nos as aspirações, as cosmovisões e interesses dos autores; mas também nos mostram as características do contexto sociocultural de sua época. Nesse sentido, texto e cultura podem ser considerados como conceitos inseparáveis. Um escritor usará a realidade durante seu processo criativo, quer para “representa-la”, quer para distorcê-la. Esse é o caso de *La ciudad*, do escritor salvadorenho Jorge Galán¹, poema incluído no livro *Tarde de Martes*, Prêmio Hispano-americano de Poesia Quezaltenango 2004.

¹Jorge Galán nasceu em San Salvador, El Salvador, em 1973. Tem uma licenciatura em Letras pela Universidad Centroamericana José Simeón Cañas (UCA). Alguns de seus prêmios mais destacáveis são: Accessit do Prêmio de Poesia Jaime Gil de Biedma, Segovia (Espanha) pelo livro *El estanque colmado*(2010).Primeiro Prêmio de Poesia dos Premios del Tren Antonio Machado de Poesía y Cuento, organizado pela Fundación de los Ferrocarriles Españoles (2009).Premio Adonáis de poesia por sua obra *Breve historia del Alba*(2006). Premio Nacional de Novela Corta, organizado pelo Consejo Nacional para la Cultura y el Arte de El Salvador, CONCULTURA (2006). Prêmio Charles Perrault de Conto Infantil,

O poeta personifica a cidade como uma mulher idosa (*hoy eres la anciana que el tiempo mismo ignora*²), recurso que lhe serve para enfatizar o contraste entre o apogeu e a decadência de muitas cidades que pouco a pouco sofrem de deterioro não somente nas suas infraestruturas arquitetônicas, mas também nos seus moradores, que se voltam à violência e à delinquência. Galán enfatiza a ideia da expansão da cidade como uma doença (*Te tendiste en los cerros como un cuerpo maligno*³), cujos sintomas são a poluição desmedida e o caos metropolitano:

*Ciudad emancipada por columnas de humo
que hacia la noche avanzan como agujas de sombra,
por ellas van tus muertos escalando lentísimos*⁴.

Desde o início do poema, o poeta salvadorenho adverte que a cidade descrita é um espaço noturno. A cidade é emancipada por colunas de fumaça, quer dizer, se libera de seus mortos num ato de ascensão. Essa viagem ascensional representa a busca da divindade. Porém, pelo revelado em versos posteriores, podemos inferir que a elevação é efêmera. A cidade não consegue se liberar de seus padecimentos, e, portanto, tampouco logra a construção de uma harmonia. A imagem do terceiro verso, “mortos escalando lentísimos”, dá ideia de elevação doída e pesada. Os verbos escalar e ascender são sinónimos, mas cada um carrega sentidos sutis que os diferenciam. Ascender implica uma subida rápida; escalar, pelo contrário, sugere um ato mais difícil, com obstáculos.

É importante lembrar que contrário a um romance ou uma peça teatral, os poemas carregam um conteúdo muito mais íntimo e subjetivo de seu criador, que se apresenta numa estrutura harmoniosa. Paul Valéry, em seu *Discurso sobre a estética, poesia e pensamento abstrato* (1995) afirma que “a poesia é uma arte da linguagem” (p.68). O autor compara a poesia com a dança, afirmando que o ritmo proporciona às palavras uma infinidade de criações, de variações e figuras dentro do poema. O poema *La ciudad* de Jorge Galán se caracteriza por versos nos quais a coesão discursiva é alcançada majoritariamente por *cavalgamentos*. Os versos formam uma cadeia diegética em que o sujeito lírico consegue expor uma mesma ideia de varias formas possíveis. Devido ao seu

organizado pela Aliança Francesa de El Salvador (2005). Premio Hispanoamericano de Poesía de los Juegos Florales de Quetzaltenango, Guatemala (2004).

²Hoje eres a idosa que o mesmo tempo ignora. NT.

³Espalhaste-te nos morros como um corpo maligno. NT.

⁴Cidade emancipada por colunas de fumaça/ que em direção à noite avança como agulhas de sombra,/ por elas vão teus mortos escalando lentamente. NT.

estilo ao abordar o conteúdo, o poema parece roçar a prosa poética; porém, sua riqueza rítmica se destaca pelo uso de versos alexandrinos:

*Ciudad solo en la niebla: tus hijos no te amamos,
hacia fuera del valle que te cerca creciste
y entonces engulliste la luz con tu poniente
cuatro muros terribles que detienen el alba*⁵

Na estrofe é possível constatar que cada verso está formado por catorze sílabas métricas, e dividido por dois hemistíquios de sete sílabas, com acentuação na sexta e na décima terceira sílaba. Octavio Paz, em *O arco e a lira* (1998) diz que “para que a linguagem se produza é mister que os signos e os sons se associem de tal maneira que impliquem e transmitam um sentido” (p. 59). Então, o ritmo poético não se dá por acaso, sua presença reforça as imagens que compõem o poema. Um fato interessante sobre o poema *La ciudad* é que a forma como sua estrutura está metricamente organizada se converte em uma força contrária às imagens, as quais, na maioria das vezes, contêm significados de caos.

Uma característica do poema do escritor salvadorenho é o uso de contrários. No verso *cuatro muros terribles que detienen el alba*, por exemplo, poderíamos dizer que os quatro muros representam o símbolo de estabilidade. Mas eles não são os muros tradicionais da construção das cidades. Os versos expõem que as quatro paredes impedem que a manhã aconteça, a estabilidade carrega um sentido negativo, pois o que impera “estavelmente” é uma noite sem fim. Ao ser uma cidade sem luz, seus filhos não a amam, é um espaço amaldiçoado, é uma cidade só em sonhos: *ciudad solo en la niebla*.

Sobre as imagens poéticas, Paz afirma que elas são a ponte de ligação do desejo entre o homem e a realidade. Para o autor, o poeta “faz algo mais que dizer a verdade; cria realidades que possuem uma verdade: a de sua própria existência. As imagens poéticas têm a sua própria lógica” (p. 131). A imagem principal do poema analisado é a da cidade, a qual é apresentada como um lugar desolado. Os temas da morte, do fúnebre e do horror permitem ao sujeito lírico expor um espaço que se desintegra pelos próprios males que padece. Sabe-se que uma das metáforas mais clássicas na história literária consiste em comparar a cidade com um ente vivo, pois toda cidade muda em função dos acontecimentos históricos, sociais, políticos e culturais que vivencia com o passar dos anos.

⁵ Cidade só na neblina: teus filhos não te amam,/ afora do vale que te rodeia cresceste/ e então tu engoliste a luz com teu oeste/ quatro muros terríveis que detêm o amanhecer. NT.

No poema, o uso da personificação da cidade como uma mulher permite mostrar os seus padecimentos, assim como seriam sentidos por um ser humano, como nos revelam os fragmentos seguintes:

*Ayer eras la niña, ciudad solo en la niebla,
pero hoy eres la anciana que el tiempo mismo ignora.*

*Sin existir existes, regresas en los sueños,
un rumor de carruajes es el viento en las frondas,
joven, diáfana, breve, ataviada con pálidos
faroles como teas, en tu espalda el invierno
como un cabello oscuro, y en tus sienes plateadas
dos lentísimos ríos que te cuentan historias.
Iglesias derrumbadas son tus ojos cerrados.
Líneas de antiguos trenes se hacen mueca en tu boca.⁶*

Os versos descrevem a grande metáfora da cidade como mulher, e fazem um percurso sobre seu ciclo de vida. O poema apresenta uma mulher que há sido derrotada pelo tempo. Trata-se de uma mulher degradada, como nos diz o primeiro verso: “sem existir existes, voltas nos sonhos”. Com essa ideia, a voz poética faz um salto para o passado, quando o espaço-corpo da cidade se caracterizava por *um rumor de carruagens, jovem, diáfana, breve, ataviada com pálidos faróis como fachos*. Nos versos seguintes o cenário transforma-se em desolação. A mesma cidade, mas idosa, tem os olhos fechados e os dentes deteriorados. A imagem sacra da igreja se corrompe por estar em ruínas. Os devaneios da cidade permitem conhecer a história da “idosa que o mesmo tempo ignora”. Os versos nos revelam que, quer como menina quer como idosa, o valor da cidade tem sido sempre esquecido. Essa verdade perturbadora é reforçada nos últimos versos, quando o sujeito lírico descreve: “Igrejas derrubadas são teus olhos fechados./ Linhas de antigos trens fazem careta em tua boca”.

A má mãe e a anticidade

Dubois, em *L'imaginaire de la Renaissance* (1985), descobre um aspecto duplo no simbolismo feminino e maternal da grande cidade. O autor propõe um lado positivo e um

⁶ Ontem tu eras a menina, cidade só na neblina,/ mas hoje eres a idosa que o tempo mesmo ignora. // Sem existir tu existes, voltas nos sonhos,/ um rumor de carruagens é o vento nas frondes, / jovem, diáfana, breve, ataviada com pálidos/ faróis como fachos, em tuas costas de inverno/ como um cabelo escuro, e em tuas têmporas prateadas/ dois lentísimos rios que te contam histórias./ Igrejas derrubadas são teus olhos fechados./ Linhas de antigos trens fazem careta em tua boca. NT.

lado negativo (*une bonne image et une mauvaise image maternelle*). A imagem maternal com sentido positivo carrega simbolismos de opulência, proteção e nutrição. Porém, a cidade pode também carregar uma imagem negativa da maternidade. Então a cidade revela um hábito guerreiro, transforma-se em amazona e entra em conflito com o Pai,

este conflicto termina con la destrucción de la ciudad [...] De esta manera, a las ciudades felices y plenas como la Jerusalén celeste o la Roma de la Eneida se oponen a las ciudades incompletas o malditas: Sodoma, Babel, la Gran Babilonia del Apocalipsis, Troya y Cartago (DUBOIS, 1985, p. 168-169).⁷

A partir da ideia da cidade com o simbolismo negativo, Galán propõe uma construção poética carregada de imagens que mostram um tom sombrio. O crítico francês Gilbert Durand afirma que o abismo feminizado e maternal, que para muitas culturas é arquétipo de descanso, é o próprio retorno às fontes originais da felicidade. Porém o poema *La ciudad* é uma alegoria desse arquétipo, pois a cidade exposta é uma mãe deplorável e triste. Opõe-se ao simbolismo da felicidade primigênia, sua maternidade é gélida, seus filhos sofrem, sua sacralidade tem sido profanada, trata-se de uma *anticidade*:

*como un manto sombrío caes sobre los rostros
de tus hijos dormidos, y en sus sueños te nombran,
quizás te llaman madre, pero la noche pasa
y la luz te disipa: no existes en la aurora.⁸*

A mãe que a cidade deveria representar é possível só no sonho: “(...) teus filhos dormidos (...) em seus sonhos te chamam,/ talvez te chamem mãe”. Sabe-se que a cidade é um dos símbolos mais representativos da mãe, pois assim como a mãe cuida de seus filhos, a cidade protege seus habitantes. Tanto a cidade como a mãe tem o duplo aspecto de proteção e de limite. Mas a cidade-mãe do poema só é plausível no devaneio, quando impera a escuridão. A claridade, por sua parte, expõe o caos da metrópole, e então a cidade perde sua essência. Isto é, os habitantes esquecem que essa cidade uma vez esteve em apogeu e foi um lar que os protegia. O poema nos revela que a característica maternal da cidade não pode ser percebida à luz da razão, mas que esse simbolismo conservar-se nas subconsciências coletivas.

⁷Este conflito termina com a destruição da cidade [...] Dessa maneira, às cidades felizes e plenas como a Jerusalém celeste ou a Roma da Eneida se opõem as cidades incompletas ou malditas: Sodoma, Babel, a Grande Babilónia do Apocalipse, Tróia e Cartago. NT.

⁸Como um manto sombrio tu desces sobre os rostos/ de teus filhos dormidos, e em seus sonhos te chamam,/ talvez eles te chamem mãe, mas a noite passa/ e a luz te dissipa: não existes na aurora. NT.

Além do símbolo da mãe, o sujeito lírico também coloca a cidade como um símbolo de lar negativo:

*Ciudad solo en la niebla, gélido hogar que avanzas
por un valle sin vida desgranando esos panes
cuyas migajas ázimas se anudan en alfombras*⁹

O primeiro verso da estrofe reafirma a ideia exposta com anterioridade no poema: a cidade pode ser percebida só em sonhos (*Ciudad solo en la niebla*). Logo em seguida, é revelado que a cidade é um lar frio que avança por um vale sem vida. Deve-se lembrar que o vale simboliza o lugar das transformações fecundantes, onde a terra e a água do céu se juntam para produzir abundantes colheitas. O vale também é o lugar onde o ser humano consegue unir sua alma com Deus e experimentar as revelações divinas e os êxtases místicos. Porém, o vale do poema de Galán, por ter sido invadido pela cidade, não contém mais esses simbolismos de lugar sagrado. A cidade apresentada como um lar gélido avança desgranando pães ázimos no vale invadido por ela.

Em algumas culturas o pão ázimo é o símbolo da alimentação espiritual. A hóstia do cristianismo católico, por exemplo, se compõe deste tipo de pão. No poema, a cidade espalhe migalhas de pão ázimo, mas elas ficam no chão. Essas migalhas se atam em tapetes, o que permite inferir que ninguém se interessa por pegar o alimento proporcionado pela cidade. O recurso da personificação da cidade realizando esta ação permite expor que a cidade ainda não perdeu totalmente seu lado maternal. A cidade tenta proporcionar alimento a seus habitantes, mas o esquecimento de que a cidade existe não os deixa enxergar. Em espanhol, o adjetivo “gélido” também carrega o sentido de distante e pouco afetuoso. A cidade como um lar gélido seria o equivalente a dizer uma mãe distante e pouco afetuosa.

Gaston Bachelard, na *Poética do espaço* (2008), diz que “todo espaço realmente habitado traz a essência da noção de casa” (p. 25). Nesse sentido, a cidade do poeta salvadorenho viria simbolizar um espaço de lar, governado por uma má mãe, em que a obscuridade e as coisas terríveis ganham primazia. Contudo, como diz Eliade (2008), todas as regiões selvagens estão assimiladas ao caos, participam da modalidade deformada de antes da criação. O simbolismo da cidade, pelo contrário, mostra a transformação do caos

⁹ Cidade só na neblina, gélido lar que avanças/ por um vale sem vida desgranando esse pães/ cujas migalhas ázimas se atam em tapetes. NT.

num cosmos submetido a formas y normas restritivas. Porém, o espaço físico da cidade do poema analisado é uma grande alegoria da regressão ao caos original.

Os símbolos da catedral e da infância

Mircea Eliade, em *O Sagrado e o Profano* (2008), diz que todo templo constitui uma *imago mundi*, isto é, uma imagem do mundo, porque como obra dos deuses, todo mundo é sagrado: “Lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo resantifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo” (p. 56). Eliade afirma que a basílica, e mais tarde a catedral, retoma e prolonga todos esses simbolismos. No poema do poeta salvadorenho, vemos como a catedral perde seu valor sacro.

A catedral é também um símbolo vertical de ascensão que serve como vínculo entre a terra e a divindade. Eliade diz que o templo está ao abrigo de toda a corrupção terrestre: “Como o projeto arquitetônico do templo é a obra dos deuses, encontra-se muito perto deles, no Céu” (p. 56). No poema de Galán, tanto as igrejas como a catedral são apresentadas por metáforas nas quais, de novo, são personificadas como entes femininos destruídos ou em destruição, e que tem esquecido e, por tanto perdido, sua própria sacralidade:

*Una lágrima sube: tu catedral sin alma
ni siquiera sospecha que alguna vez fue hermosa,
no comprende su aspecto, ese su cuerpo solemne
saturado de ropas, ni esa estación terrible
que la hizo un espejismo rodeado de palomas¹⁰*

A estrofe começa com uma figura lógica de pensamento: “Uma lágrima ascende”. O fato de que a lágrima sobe e não desce enfatiza a tristeza e desolação da catedral. O poema diz que a catedral não tem alma, isto é, tem perdido sua substância espiritual. Não ter alma também simboliza não ter consciência, de aí que o verso seguinte afirme: “nem sequer suspeita que alguma vez fosse formosa”. É destacável lembrar que as igrejas se caracterizam por possuir muitos simbolismos religiosos, históricos, arquitetônicos e artísticos (as “roupas” das catedrais que a maioria da população desconhece). O poeta

¹⁰Uma lágrima ascende: tua catedral sem alma/ nem sequer suspeita que alguma vez fosse formosa,/ não compreende seu aspecto, esse seu corpo solene/ saturado de roupas, nem essa estação terrível/ que fez dela uma miragem rodeada de pombas. NT.

salvadorenho critica isso ao afirmar: “não compreende seu aspecto, esse seu corpo solene/ saturado de roupas”. “A estação terrível” é a contemporaneidade, “que fez dela uma miragem rodeada de pombas”. Em outras palavras, nas sociedades atuais, a sacralidade da catedral é somente uma ilusão, pois ninguém lembra o grande simbolismo dela como imagem do mundo.

Contudo, se as igrejas simbolizam a imagem do mundo, Galán consegue universalizar seu poema. A cidade não é só um espaço de alguns quilômetros quadrados, mas é o mundo mesmo. A cidade como microcosmos revela-nos as contrariedades da alma humana na contemporaneidade global. Por um lado, os versos do fragmento criticam a perda da memória histórica: *tua catedral sem alma nem sequer suspeita que alguma vez fosse formosa*. E por outro, os versos implicam o esquecimento do valor da sacralidade na vida dos homens. Esse esquecimento da história e o afastamento do sagrado conduzem ao caos, e, portanto, também a destruição da metrópole.

O símbolo da infância, por sua parte, também assume um aspecto obscuro. Sabe-se que a infância é símbolo de inocência, o *Dicionário de símbolos* (2006) explica que é o estado anterior ao pecado e, portanto, pertence ao estado edênico, simbolizado em diversas culturas pelo retorno ao estado embrionário, ao estado de repouso, ou ao primeiro paraíso. Em *La ciudad*, as crianças são seres estranhos, além de representar a felicidade plena do primeiro paraíso, carregam simbolismos de miséria e fome. Para o poeta, as crianças são os espectros mais fantasmagóricos da infelicidade na terra:

*gran salón adornado con niños tan extraños
cuyos pálidos cuerpos ya no producen sombra*¹¹

Com esses versos, o sujeito lírico reafirma a ideia exposta ao longo do poema: não é possível uma vitória sobre a complexidade caótica da cidade. Se a infância simboliza a conquista da paz interior e da autoconfiança, as crianças de *La ciudad* representam a desesperança e a desconfiança. Em poucas palavras, a cidade é um lugar condenado.

¹¹ Grande salão decorado com crianças tão esquisitas/ cujos pálidos corpos já não produzem sombra. NT.

Considerações finais

É um fato que na poesia contemporânea predomina uma visão negativa sobre as metrópoles. As grandes cidades pós-modernas têm perdido sua essência afetiva e sua significação antropológica. São espaços desumanizados onde o homem não pode mais se reconhecer, nem reconhecer seu passado. No poema de Galán, a cidade adquire metáforas corporais, transforma-se numa mulher que, idosa, permite representar a moral desorganizada dos habitantes e o caos urbano da cidade-mulher. Graças ao uso de símbolos universais, o poema consegue apresentar uma cidade que se transforma genérica no sentido que pode descrever qualquer cidade em declive do mundo.

A tristeza, o fúnebre e o sinistro conformam conteúdos sombrios que nos permitem inferir uma tendência do poeta para a busca do equilíbrio. O espaço trêmulo metropolitano não pode ser resgatado de sua própria autodestruição, pelo que a única salvação é a volta ao estado inicial da cidade-criança. Contudo, é importante ressaltar uma ideia que Gilbert Durand (1996) apresenta no artigo *Mito e poesia*. O autor diz que “existe entre consciência mítica e consciência poética uma cumplicidade real” (p. 51). No poema *La ciudad*, essa consciência mítica é representada por meio dos símbolos da mãe, de lar e de mulher que têm acompanhado os mitos das grandes e das terríveis cidades ao longo da existência das sociedades humanas.

Referências

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço* (2008). São Paulo : Martins Fontes.
- CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos* (2006). Rio de Janeiro : José Olympio
- DUBOIS, Claude Gilbert. *L'imaginaire de la Renaissance* (1985). Paris: Presses Universitaires de France.
- DURAND, Gilbert. *Campos do imaginário* (1996). Lisboa : Instituto Piaget.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano: a essência das religiões* (2008). Tr. Rogério Fernandes. São Paulo : Martins Fontes.

GALÁN, Jorge. *Tarde de Martes* (2004). El Salvador : DPI.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira* (1998). España : Fondo de Cultura Económica.

VALÉRY, Paul. *Discurso sobre a estética, poesia e pensamento abstrato* (1995).
Lisboa : Passagens.